

A AFETIVIDADE NA CONSTRUÇÃO DE UMA CULTURA PARA A PAZ NO CONTEXTO ESCOLAR

Jeane Bizerra Bastos¹
Antonia Bianca França dos Santos²
Leticya Ewellyn Santos Ribeiro³
Morgana Timbó Lima⁴

INTRODUÇÃO

A afetividade é um sentimento que permeia por toda a vida do ser humano e está relacionada à afeição, atenção, amor, dentre outros, fazendo com que muitos autores teóricos tragam tal aspecto nas suas pesquisas. Jacques Delors (2010), já abordava nos seus pilares de educação a importância de aprender a conviver, que representa o respeito a todos e o combate ao preconceito ao desconhecido, se mostrando um caminho de paz para a sociedade através da educação. A afetividade permite a troca de interações entre os indivíduos e o desenvolvimento cognitivo e cultural. Assim, falar na construção de uma cultura para a paz, que busca a valorização do indivíduo, o percebendo como um ser íntegro e plural, nos faz refletir da importância de resgatar o aspecto afetivo dentro do ambiente escolar, lugar de formação de indivíduos sociais e que se afasta dos cuidados ligados ao emocional e social por se focar mais nos aspectos cognitivos dos alunos.

O presente trabalho tem por objetivo apresentar o conceito de cultura de paz, e enfatizar a importância da construção de um ambiente escolar inclusivo e democrático a partir de um processo educativo que atenta-se na formação socio afetiva dos alunos, o percebendo como um ser completo, construído a partir de uma perspectiva de amorosidade e respeito em toda a comunidade escolar, além de apresentar possíveis caminhos para a efetivação de práticas pedagógicas que coloca como um dos eixos principais a construção de uma sociedade harmoniosa e com valores humanos concretizados na realidade. O presente trabalho terá foco, principalmente, nas contribuições de Paulo Freire (1980) quando discute acerca da paz e da justiça social, além de uma educação dialógica na construção do conhecimento. Assim, serão abordados a necessidade da afetividade no contexto educativo, a construção de um olhar crítico para a realidade e novos rumos na educação em busca da criação de uma cultura para a paz. Concluindo a necessidade de uma mudança na percepção do outro, na reflexão do papel docente e na importância do protagonismo estudantil.

METODOLOGIA

A metodologia do trabalho se deu a partir de pesquisas bibliográficas, embasando-se, principalmente nas referências teóricas do autor e educador Paulo Freire (1980). Coletando, também, informações e contribuições em artigos online, na qual será feitas reflexões a partir da leitura.

¹ Graduanda pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará - UFC, jeane.bastos008@gmail.com

² Graduanda pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará - UFC, bifsantoos@gmail.com

³ Graduanda pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará - UFC, leticya.ewellyn99@gmail.com

⁴ Graduanda pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará - UFC, morganatimbolima@gmail.com

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1.A cultura de paz no espaço educacional

Na construção de um mundo para a paz não se pode esperar apenas de acordos mundiais entre os governos, é necessário que haja uma sociedade agindo coletivamente, independente de idade, sexo, origem, classe social e cultural, para se alcançar um bem maior. A cultura de paz, de acordo com Dupret (2002):

“Envolve dotar as crianças e os adultos de uma compreensão dos princípios e respeito pela liberdade, justiça, democracia, direitos humanos, tolerância, igualdade e solidariedade. Implica uma rejeição, individual e coletiva, da violência que tem sido parte integrante de qualquer sociedade, em seus mais variados contextos.” (p. 91)

Ressalta-se que a cultura de paz não é a inexistência das guerras, mas é a abertura para o diálogo na resolução dos problemas, colocando à frente a democracia e a valorização da vida no combate da injustiça e violência. Assim, nasce a importância da construção de uma cultura para a paz dentro dos espaços sociais, e de modo particular, na escola, local onde desde a infância as crianças são apresentadas à vida coletiva e que se estabelece suas primeiras relações e laços sociais para além de sua família. Portanto, é neste âmbito educacional, onde pessoas que se comportam e se expressam de forma singular, que se faz necessário a estimulação de uma educação pautada na igualdade, abordando questões sociais com um olhar crítico, capaz de gerar uma reflexão acerca das relações com o outro e consigo mesmo.

Todavia, com os resquícios de um ensino tradicional, a educação brasileira tem se enfatizado principalmente o desenvolvimento cognitivo dos alunos, concentrando toda a sua atenção para os resultados e esquecendo que o aluno é um ser humano, complexo e que carrega consigo uma bagagem de valores, carga emocional e necessidade da linguagem e amorosidade, se reconhecendo, também, um ser social e de interação. Essa realidade está cada vez mais comum, logo, a escola torna-se um espaço vulnerável e de violência, fazendo com que professores, gestores e alunos não reconheçam o próximo e nem a si mesmo, colocando o diálogo e a formação da afetividade em últimos planos, perpetuando, então, a dificuldade da promoção de paz nas escolas, conflitos e intolerâncias.

Há uma compreensão de que a paz não é natural, mas aprendida (GUIMARÃES, 2009), o que nos traz o pressuposto de que para se criar um ambiente harmonioso requer a colaboração de todos os seres que ali estão e da necessidade de vivências, ou seja, está relacionada: “ao modo como as pessoas vivem e às suas condições de existência emocional, espiritual, intelectual e material, devendo ser pensada como um processo dinâmico” (MACEDO; MATOS, 2010, p. 65).

Tal fato nos remete às reflexões do educador Paulo Freire acerca da educação. Inicialmente, podemos abordar o conceito de “educação bancária”, que pressupõe que o educador é o sujeito que detém de todo o conhecimento, e o educando, no processo de aprendizagem, é um ser passivo que apenas o recebe. Assim, Paulo Freire traz a educação libertadora, onde aborda a igualdade dos sujeitos em tal processo, trazendo uma participação ativa do educando e que abre espaço para o diálogo e participação ativa dos indivíduos, trazendo, também, um olhar crítico e reflexivo acerca da realidade em que o aluno está inserido.

Percebe-se a importância da dialogicidade, procedimento em que se reconhece as relações e construção de conhecimento não de forma estática, mas interativa, pois: “[...] desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa.” (FREIRE, 1983, p.78). Desta forma, podemos conceber que as contribuições de Paulo Freire para uma cultura de paz no âmbito educacional se fazem a partir da educação dialógica, que coloca em xeque a

integralidade de todos os sujeitos envolvidos no processo educativo, semeando, então, a igualdade, coletividade e reflexão social.

Além de que, através da formação do olhar crítico, é possível compreender as formas de injustiças presentes na sociedade, permitindo uma nova relação em tais contextos e luta constante por uma mudança, pois, percebe-se, o outro como igual e interdependente. Ou seja, a pedagogia freiriana nos traz uma esperança de uma educação que forma seres humanos com um olhar sensível ao outro, afetivo a partir da escuta e compreensão, democrático e tolerante para com as diferenças.

2. Caminhos para a paz

Primeiramente, para se pensar em possíveis caminhos que busquem a construção de uma cultura de paz dentro das escolas, é necessário ampliar o pensamento e visão que se tem do ser aluno e professor. Ou seja, trata-se de deixar os preconceitos e a autoridade de lado para, assim, haver uma aproximação grupal, e isso requer: “uma expansão na compreensão do desenvolvimento do ser humano, nos seus níveis intelectual, afetivo-moral, emocional e espiritual [...]”. (FREITAS; LINHARES, 2010, p.180).

Os sentimentos são velados nas salas de aula em prol dos momentos de desenvolvimento intelectual, o que provoca um afastamento nas relações e silenciamento das emoções, o que é uma característica da educação no contexto capitalista:

“Assim é que o sistema capitalista, com sua lógica de mercado penetrando os domínios subjetivos, vai deixando cada pessoa pôr os valores utilitários acima dos vitais, dos que são base para nossa relação amorosa conosco mesmo e com os outros” (FREITAS, LINHARES 2010, p.182)

Assim, a dificuldade inicial é de perceber e se opor ao que já está intrínseco no contexto educativo: a desvalorização dos sentimentos e do diálogo. Destaca-se a importância de que o professor tenha uma escuta sensível, pois a disposição do docente para perceber e aproxima-se do aluno o desarma e se apresenta como uma forma efetiva de construir a paz. A escuta sensível permite que o educador sinta o universo em que o aluno está inserido, compreendendo as suas ações, pensamentos, valores e ideias. Através dessa empatia há uma motivação para a participação e envolvimento nas reflexões e contribuições na promoção da paz, igualdade e inclusão.

O trabalho com a afetividade vai além de práticas externas ao ser, pois promove uma profunda reflexão sobre o “eu” e o “outro”, na identificação e consequências de suas ações. Propaga a construção da própria identidade baseada em valores humanos e a leitura do outro, criando, assim, uma sociedade empática, solidária e que reproduz os direitos humanos. Para Matos (2007, p.67):

“O diálogo com alunos e a comunidade apresenta-se como a forma mais efetiva de construir a paz no espaço escolar. As experiências positivas com jovens e escolas devem ser mais divulgadas. É importante apresentar à sociedade imagens positivas da juventude”

Diante do que já foi apresentado, vale ressaltar o protagonismo estudantil nas práticas pedagógicas e no engajamento no processo da cultura de paz. O jovem estudante é posto em um lugar de desvalorização, já que a sua voz e expressões são silenciados, o que provoca a evasão, repetência, afastamento e desinteresse. A partir de uma mudança do papel do estudante nas escolas, existirá novas possibilidades partindo da coletividade e ações conjuntas, pois, para Ahmad (2009), citado por Nascimento, Matos e Castro: “[...] a vivência de tais valores alicerça o caráter, e reflete-se na conduta como uma conquista espiritual da personalidade mudando o ambiente no entorno do ser e dos seus semelhantes” (p. 45)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendendo que os sentimentos são as diversas maneiras como nos percebemos e sentimos o mundo, estando ligado à nossa história, desenvolvimento e influências, podemos entender a importância de se colocar em prática o diálogo e a afetividade, na tentativa de refazer o ambiente educacional, baseado nos valores humanos, na superação do autoritarismo e na percepção do ser com complexidade.

A violência sendo uma força, pode ser canalizada para a vida, assim, faz-se necessário a reinvenção do papel docente e da visão do aluno, em busca da promoção de momentos de debate, criação, arte, expressão de linguagens e inclusão, colocando em pauta o debate para a paz e o combate à violência. Desse modo, as vivências devem ser utilizadas pelos professores como um recurso pedagógico de propagação de uma educação democrática e inclusiva.

No mais, a cultura para a paz pode ser alcançada com o pleno conhecimento e na valorização do indivíduo em sua totalidade, o que requer participação e o reconhecimento da diversidade. Tais mudanças resultam no protagonismo estudantil, tornando a escola um espaço de pertencimento.

Palavras-chave: Afetividade; Cultura de Paz; Dialogicidade; Amorosidade

REFERÊNCIAS

AHMAD, Fernanda Broll Carvalho, Educação para valores: uma alternativa para a convivência humana. Revista do Ministério Público do Rio Grande do Sul. Edição mai-ago. 2006

DELORS, Jacques et al. Um tesouro a descobrir: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI , Brasília, 2010.

DUPRET, L. . Cultura de paz para ações sócio-educativas: desafios à escola contemporânea. Psicologia Escolar e Educacional , São Paulo, v. 6, n.1, p. 91-96, 2002.

FREIRE, Paulo. Conscientização: Teoria e prática da libertação. São Paulo: Cortez e Moraes, 1980.

GUIMARÃES, Marcelo R. Desafios para a construção de uma cultura de paz. 2009

MACÊDO, Rosa Maria de Almeida ; MATOS, Kelma Socorro Alves Lopes de . Educação para a Paz: reflexões à luz da Pedagogia de Paulo Freire. In: Kelma Socorro Alves Lopes de Matos; Raimundo Nonato Júnior. (Org.). Cultura de Paz, Ética e Espiritualidade. 1ªed.Fortaleza: Editora UFC, 2010, v. , p. 61-71.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de. Juventudes e culturas de paz: diálogos de esperança. Revista Linguagens, Educação e Sociedade- Teresina, Ano 12, n° 16, p. 65-70, jan/jun. 2007